

ENTREVISTA

Estamos a criar espécies dependentes de conservação?

Há 20 anos, Inês Catry trabalhou com a Liga para a Proteção da Natureza num projeto de instalação de ninhos artificiais em Castro Verde que ajudaram a recuperar as populações de francelho (também conhecido por peneireiro-das-torres *Falco naumanni*) e rolieiro (*Coracias garrulus*). Mas ao fazê-lo começou um círculo vicioso.

Entrevista por
Sonia Neves (SPEA)



Estaremos a criar espécies dependentes da ação humana?
Inês Catry

Falamos com a investigadora do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO), e nossa sócia, sobre como as espécies se podem tornar dependentes da conservação, os desafios que isso apresenta, e possíveis soluções, a propósito de um artigo que publicou este ano na revista *Biological Conservation*.

Como é que as espécies ficam dependentes da conservação?

O que se passa com estas duas espécies, francelho e rolieiro, é que tiveram um declínio muito acentuado na Europa. Para os francelhos, começaram a fazer-se esforços de conservação no fim dos anos 90, início dos anos 2000, porque em Portugal a espécie decresceu, tal como em quase toda a Europa: teve um declínio muito grande e em face disso surgiram as primeiras ideias de projetos de conservação para a espécie. Tanto os francelhos como os rolieiros são espécies que nidificam em cavidades, ou seja, não constroem os próprios ninhos. Precisam de cavidades feitas por outras aves, ou então cavidades em falésias, em árvores, ou neste caso em casas, que ali na zona de Castro Verde é o que a maior parte dos casais ocupam: cavidades em edifícios abandonados. Então, uma ação fácil de conservação é disponibilizar ninhos artificiais, que estas duas es-



Inês Catry com rolieiro
Inês Catry

pécies ocupam muito bem. Foi o que fizemos entre 2002 e 2006, no projeto LIFE Peneireiro, da LPN [Liga para a Proteção da Natureza], que tem liderado os esforços de conservação destas espécies na região. E resultou: no censo que fizemos em 2017, e que deu origem a este artigo, verificámos aumentos consideráveis tanto de francelhos como de rolieiros, e constatámos que mais de 65% das duas populações nidificam em ninhos artificiais. Portanto, o que acontece é que conseguimos aumentar bastante a população, para cerca de 600 francelhos e 60 rolieiros na ZPE [Zona de Proteção Especial]. Mas se não existir uma manutenção

desses ninhos, as populações podem voltar aos níveis anteriores. Por isso, é preciso um esforço de conservação constante.

Quanto tempo dura um destes ninhos?

Depende muito dos ninhos. Temos caixas de madeira, e dependendo dos tratamentos essas podem durar 5 ou 6 anos, por aí. No outro extremo temos as paredes de nidificação, umas construídas em taipa e outras em cimento e tijolo, e essas é expectável que durem 30 ou 40 anos. Mas mesmo que as paredes se aguentem em pé, não quer dizer que as cavidades estejam disponíveis e em bom estado. Muitas são ocupadas por outras espécies (gralha-de-nuca-cinzenta, mocho-galego, coruja-das-torres, estorninho-comum, pombos), o que gera alguma competição. Dentro dos buracos geralmente há terra, porque as duas espécies não põem os ovos diretamente no cimento, e muitas vezes a terra desaparece, ou são ocupados pelos pombos e as fezes dos pombos enchem completamente os buracos. Outras espécies põem paus dentro dos ninhos... Portanto, se os ninhos não forem limpos, se caírem mesmo que a parede dure 30 ou 40 anos, a sua duração vai ser menor do que isso.



Os ninhos precisam de manutenção regular
Inês Catry

Isso cria um desafio em si mesmo, não é?

É verdade. Neste caso, não só porque os ninhos naturais ou seminaturais, como quisermos chamar a estas cavidades nos edifícios, vão acabar por desaparecer porque os montes [alentejanos] estão a cair aos bocados; o tempo que as espécies podem usar realmente as cavidades é muito curto. E portanto, o que esperamos é que cada vez mais as aves optem por ocupar ninhos artificiais, porque os naturais ou seminaturais vão acabar por desaparecer. E no futuro, toda a população vai acabar confinada a ninhos artificiais.

E depois é preciso manter esses ninhos artificiais...

Exatamente, senão têm o mesmo problema que os edifícios abandonados: vão-se degradando e acabam por desaparecer. E portanto, essas espécies ficam altamente condicionadas e dependentes, não só dos ninhos artificiais mas também da sua manutenção ao longo do tempo. E isso em termos de financiamento é complicado...

Portanto, há esta questão financeira. No vosso artigo, referem que a solução pode passar pelo turismo?

Sim, neste estudo tentámos estimar qual seria o custo anual para manter os ninhos artificiais atualmente existentes e para substituir os que se vão degradando, e chegámos aos 4 500 euros por ano para manter estes ninhos. É um valor quase irrisório, equivale a menos de 1% do que estimámos ser a receita anual do turismo para a região.

Ali em Castro Verde, parece-nos que seria uma boa aposta. Esta zona está a ganhar um lugar no mapa: foi reconhecida como Reserva Natural da Biosfera da UNESCO, há 2 anos. Hoje, muitas pessoas reconhecem Castro Verde como um sítio muito bom para birdwatching, e tem vindo a crescer o

turismo ornitológico na zona. Podia haver uma maneira de os birdwatchers que ali vão poderem contribuir com donativos, ou até terem de pagar algo quando entram na ZPE. Ou podia ser através do alojamento, um pouco como se faz atualmente em muitos lados: nas cidades, os turistas já pagam a taxa municipal turística, podia haver qualquer coisa semelhante, uma taxa que em parte pudesse reverter para a proteção das espécies.

Um exemplo desta abordagem é o caso dos pandas na China onde o ecoturismo gera muito mais dinheiro - 10 a 27 vezes mais! - do que o que seria preciso para manter os habitats da espécie nas reservas.

Quando estava a colocar os primeiros ninhos, já pensava nesta questão da dependência?

Quer dizer, logo no início, uma pessoa não pensa muito nisso, fica só muito contente: "epá, isto resulta mesmo!" Mas depois, acho que no subconsciente, a questão estava certamente. Neste artigo, liderado por um aluno meu de doutoramento, usamos dados de quando eu fiz o meu doutoramento. Quando o João Gameiro começou a fazer o doutoramento comigo, pensei "passaram 10 anos, é uma boa altura para fazer um ponto de situação". Mas já andava aqui há muito tempo a marinar esta ideia. Eu acompanhei este processo desde o início, portanto tinha a noção que isto poderia acontecer, e que estava a acontecer.

Sabe de outras espécies que também fiquem dependentes de conservação?

Há muitas. Se olharmos, quase todas são dependentes. Estas são muito óbvias com a questão dos ninhos, mas se continuarmos a olhar para Castro Verde, há o exemplo das abetardas, sisões e tartaranhões. Estas espécies estão altamente dependentes de um tipo de agricultura de sequeiro extensivo, que neste momento sobrevive de



A aninha vai permitir aprender mais sobre o rolieiro.
Inês Catry



Franceirão em ninho artificial.
Inês Catry



Prova do sucesso dos ninhos artificiais.
Inês Catry



Rolieiro em ninho artificial.
Inês Catry

subsídios europeus para quem adota medidas agroambientais. Há um estudo que fala um pouco disso em Espanha com os tartaranhões, que ficaram dependentes deste sistema dos subsídios agroambientais. Se deixar de haver esses subsídios, obviamente todo o habitat será alterado, e se o habitat é alterado... as espécies ficam penduradas, ligadas a este fiozinho...

E quando falamos em destruição de habitats, todas as espécies que começam a escassear e depois são mantidas no seu habitat estão muito confinadas e dependentes da conservação desse habitat. Por exemplo, os grandes mamíferos em África, que estão estão confinados a parques naturais. Se deixar de haver dinheiro para haver vigilantes que impeçam a caça ilegal... São tudo espécies que estão dependentes de conservação. Em última instância, quase todas estarão.

Será que a filosofia dos projetos de conservação tem de mudar? Deveriam passar a ser menos reativos, não esperar que a espécie esteja ameaçada para começar a conservar?

Claro... mas é difícil. O financiamento disponível para a conservação é limitado e há cada vez mais espécies que mostram tendências de declínio. A perda de habitat, quase sempre resultado de uma maior pressão humana, afeta inúmeras espécies em todo o mundo. E se não há dinheiro para proteger todas, é preciso fazer opções: quais são as espécies prioritárias, como devemos investir o dinheiro, quais é que são as ações que têm mais probabilidade de sucesso e de fazer com que as espécies não fiquem altamente dependentes destas medidas de conservação; o que é sustentável e ético.

Mas são opiniões, há muitas opiniões e às vezes temos discussões sobre isto. Essa discussão dá pano para mangas. ■